



PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: **Joaquim Pinheiro** | **Samuel Mateus** | **Mario Franco**

LUMUS

PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco



TÍTULO

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades

COORDENAÇÃO

Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus & Mario Franco

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL DOS COORDENADORES:

Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades

ASSISTENTES EDITORIAIS

Adriana Teixeira, Ana Carina Figueira e Cátia Gouveia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-754-5

DOI

<https://doi.org/10.34640/universidademadeira2022pinheiromateusfranco>

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Maio de 2022

Depósito Legal:

498121/22

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Alda Portugal, Universidade da Madeira

Ana Isabel Buescu, Universidade Nova de Lisboa

Ana Isabel Moniz, Universidade da Madeira

Andréa Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Catarina Rodrigues, Universidade dos Açores

Cristina Santos Pinheiro, Universidade da Madeira

Daniel Tércio Guimarães, Universidade de Lisboa

Eunice Ribeiro, Universidade do Minho

Gianfranco Ferraro, Instituto de Filosofia da Nova

Gisela Gonçalves, Universidade da Beira Interior

Ivo Furtado, Universidade da Madeira

Joaquim Paulo Serra, Universidade da Beira Interior

José Manuel Sobral, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Luísa Maria Paolinelli, Universidade da Madeira

Maria Cristina Almeida e Cunha, Universidade do Porto

Maria Filomena Andrade, Universidade Aberta

Paulo Osório, Universidade da Beira Interior

Rodrigo Gomes, Universidade de Coimbra

Vera Amorim, Instituto Politécnico de Lisboa

índice

- 9 Introdução
 Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus, Mario Franco
- 13 Descrições da peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV
 Rui Carlos Fonseca
- 27 A vulgarização do léxico da peste após a Peste Negra como testemunho
 de memória: o caso do Entre-Douro-e-Minho (Portugal)
 André Filipe Oliveira da Silva
- 49 Peste, castigo e misericórdia no Funchal quinhentista:
 São Tiago Menor, padroeiro e rogador a Deus pelo povo da cidade
 Nelson Veríssimo
- 61 “Evitar que o mal não padeça mais avante” – O Regimento da Saúde
 de D. João III e a experiência italiana de saúde pública
 Edite Martins Alberto, Joana Balsa de Pinho
- 77 A Portuguese Treatise on the Plague:
 João Curvo Semedo’s *Tratado da Peste*
 Gabriel A. F. Silva
- 91 Cólera e Carnaval em Porto Alegre (RS/Brasil)
 na segunda metade do século XIX
 Caroline P. Leal
- 107 Santos: porto do café e das epidemias -
 experiências, cotidiano e imigração
 Maria Izilda Santos de Matos, Bruno Bortoloto do Carmo
- 125 “Subsistências”: Carências e açambarcamentos alimentares durante
 a pneumónica de 1918 sob o olhar de um periódico local
 Guida Cândido
- 139 Les récits de la peste comme mode de connaissance,
 de mémoire et d’identification
 Chantal Louchet
- 155 Um Diário convertido em crónicas e um Jornal em forma de romance:
 as narrativas de pestilências de Daniel Defoe (1722) e Gonçalo M.
 Tavares (2020)
 Ana Isabel Correia Martins

- 171 Paisagens pandêmicas na literatura:
não-fruição da paisagem sob estado sanitário de exceção
Fabiano Dalla Bona, Carolina de Castro Wanderley
- 179 O Fenómeno Semiológico das Máscaras em Contexto Pandêmico
Sara Inês Rodrigues Gaspar, Eduardo José Marcos Camilo, Rafaela Norogrande
- 195 As “Bexigas Negras” e os Museus Históricos
Rosa Henriques de Gouveia, Teresa Ferreira, Lina Carvalho, Carlos Robalo Cordeiro
- 203 Pessoas e organizações no quotidiano pandêmico:
uma construção social da realidade?
Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro
- 219 O paradigma da peste: Índices de ruptura em situações de calamidade
Rodrigo Barros Gewehr
- 237 O *Ethos* patético e as campanhas de publicidade
“Thank you” durante a pandemia de SARS-COV-2
Samuel Mateus

« Tout le monde sait que les pestes ont une façon de se reproduire dans le monde, mais d'une manière ou d'une autre, nous avons du mal à croire en celles qui nous tombent sur la tête à cause d'un ciel bleu. Il y a eu autant de fléaux que de guerres dans l'histoire, mais toujours des fléaux et les guerres prennent les gens également par surprise ».

Albert Camus, *La Peste*

O Fenómeno Semiológico das Máscaras em Contexto Pandémico

SARA INÊS RODRIGUES GASPAR*

EDUARDO JOSÉ MARCOS CAMILO**

RAFAELA NOROGRANDO***

Resumo

Neste trabalho é analisada a utilização da bricolage como ângulo de análise no âmbito da produção do objecto máscara, enquanto adereço de moda, em contexto de pandemia. A máscara de pandemia é o objecto de estudo, este, assume, primeiramente, uma função de necessidade de protecção. A máscara começou a fazer parte da indumentária e a reflectir, não só uma época vivida mundialmente, transmitindo a ideia exacta da sua utilização, como também transferindo determinados sentidos; e tais sentidos são examinados nas máscaras confeccionadas. Torna-se possível correlacionar e invocar conceitos de significação e de sentido. São referenciadas as várias relações que a bricolage mantém com os sistemas de significação e ressignificação; também, com o plano de conotação e, ainda, com a transtextualidade. Contudo, a presente investigação pretende analisar as transformações das significações, através da apropriação de outros sentidos, bem como investigar de que forma existe a gestão das significações originais e/ou das ressignificações. A análise é feita através do conceito de bricolage de Lévi-Strauss, que vai ao encontro das criações artísticas resultantes da apropriação do objecto máscara, sendo a bricolage uma operação transformadora de significações pré-estabelecidas; assim como, tendo em conta as asserções de Baudrillard, relativamente à superação do sistema tradicional e à negação simultânea. Relembrando, ainda, Barthes e a apresentação do terceiro tempo, o tempo do retorno, revelando a inexistência de objectos não inúteis, pois tais objectos veiculam sentido. A bricolage

* Universidade da Beira Interior
sara.ines.gaspar@ubi.pt

** Universidade da Beira Interior
eduardocami@gmail.com

*** Universidade da Beira Interior
rafaela.norogrando@ubi.com

opera no sentido de modificador de significação, pois actua no significante do signo, modificando o seu aspecto material.

Palavras-Chave: Bricolage, Personalização, Ressignificação, Moda, Conotação.

Abstract

This paper analyses the use of bricolage as an angle of analysis within the production of the mask object, as a fashion accessory, in a pandemic context . The pandemic mask is the object of study, this, assumes, firstly, a function of need for protection. The mask started to be part of the clothing and to reflect, not only an era lived worldwide, transmitting the exact idea of its use, but also transferring certain meanings; and such meanings are examined in the made masks. It becomes possible to correlate and invoke concepts of signification and meaning. The various relations that bricolage has with systems of signification and re-signification are referred to, as well as with the plane of connotation, and also with transtextuality. However, this research intends to analyse the transformations of meanings, through the appropriation of other meanings, as well as to investigate how there is the management of original meanings and/or resignifications. The analysis is made through Lévi-Strauss' concept of bricolage, which meets the artistic creations resulting from the appropriation of the mask object, with bricolage being a transforming operation of pre-established meanings; as well as, taking into account Baudrillard's assertions concerning the overcoming of the traditional system and the simultaneous negation. Recalling, also, Barthes and the presentation of the third time, the time of return, revealing the inexistence of objects that are not useless, because such objects convey meaning. The bricolage operates in the sense of modifier of signification, because it acts on the signifier of the sign, modifying its material aspect.

Key Words: Bricolage, Personification, Resignification, Fashion, Connotation.

Introdução

A investigação procura responder à questão das modalidades de resignificação que a moda produz, apropriando-se de objectos. O trabalho assenta na resignificação do objecto máscara, em contexto pandémico¹, e na apropriação de valor signico por parte da indústria da moda e de entidades particulares. Como fio condutor de orientação no auxílio da percepção de tais fenómenos resignificativos, faz-se uso do conceito de bricolage.

São investigadas as noções de objecto como signo semiológico, no âmbito de uma semiologia da moda. A moda, conservando a função original da máscara de pandemia,

1 Pandemia global devido ao vírus provocado pela Covid-19 que teve início nos finais do ano 2019 com alargamento até ao presente ano de 2021. Referência para um período de tempo em que a população ainda não estava vacinada.

altera a construção material e imaterial do objecto máscara, com a variante da resignificação do objecto e a apropriação de valor sógnico. Ou seja, tendo em conta o objecto máscara, em contexto pandémico, a moda revela modalidades de apropriação e transformação sógnica: resignificação; convergente; divergente; reutilização. A resignificação assenta na pertinência de que a máscara serve para proteger, porém leva a que a função-signo adquira por conotação outros sentidos – a máscara pode ser um adereço que produz outro tipo de sentidos, significações. A conotação é fundamental para perceber os sentidos conotativos que a máscara passa a possuir, a partir do momento que é apropriada pela indústria da moda (*designers*, fotógrafos, confecções, museus, revistas, redes sociais) e/ou entidades particulares (pessoas desconhecidas, redes sociais). Avançando para uma semiologia da bricolage – semiologia da acção, algo que é feito com aquilo que está à mão; mas, também, é uma semiologia da resignificação ou da conotação. Ou seja, uma semiologia da reacção – a produção daquilo que já existe a partir de um conjunto vasto de adereços que estão à mão, conforme indica Lévi-Strauss (2008).

O conceito de bricolage oferece um excelente referencial teórico para a análise do processo de recriação de máscaras, em contexto de pandemia, pois as máscaras são criadas a partir de múltiplas referências. Além de poderem ser máscaras para diferentes modelos e para diferentes ocasiões: lúdicos, religiosos, artísticos ou de natureza prática. A renovada criação, a partir da operação por bricolage, parte de fragmentos reservados. A bricolage significa interdisciplinaridade e, neste caso, está presente um domínio da transtextualidade, pois significa ir buscar outros “textos” e tomar uma posição perante esses mesmos. Conforme Lévi-Strauss (2008), a fusão de diversos componentes, que embora mantendo alguns traços originários, recriam um renovado objecto cultural. Os objectos comportam significações sociais incorporadas, geradores de um código. Seguidamente é visível uma acção exemplificativa de bricolage de máscara:



Figura 1- Máscara de protecção feita a partir de meias.
Autor: Regina Ferraz

É perceptível que o *bricoleur* inicia a sua actuação pela procura e recolha de distintos signos, conduzindo a uma agregação de signos de diferentes áreas ou não. Assim, é tida em conta a relação entre bricolage, conotação e transtextualidade, sendo a ressignificação o elo de interligação. Desse modo é possível verificar duas transtextualidades: 1) a adaptação: que remete para o conceito de hipertextualidade – a moda apropria-se do objecto, mas adapta-o, reproduz, no sentido de acelerar as suas significações originárias, sendo uma perspectiva convergente; 2) a moda apropria-se da máscara em regimes transtextuais já não de hipertextualidade, mas de metatextualidade, ou seja, a moda apropria-se da máscara para a parodiar, ridicularizar, imaginar, negar, para a transformar em objecto lúdico, sendo uma perspectiva divergente.

1. Conceito Semiológico de Bricolage

O conceito de bricolage explica os processos pelos quais os indivíduos adquirem objectos e conhecimentos, através de uma determinada cultura para, posteriormente, criarem (recriarem renovados) objectos a partir de fragmentos de outros objectos. “O bricoleur deve voltar-se para um conjunto já constituído², formado por utensílios e materiais, (...) opera através (...) de signos” (Lévi-Strauss, 2008, pp. 34-35). Nesse sentido, a bricolage define-se por uma operação resolutiva na elaboração de estruturas “organizando os factos ou os resíduos dos factos” (Lévi-Strauss, 2008, p. 37). O conceito de bricolage é aplicado na obra de Lévi-Strauss (2008) em que explica como a fusão de diversos componentes recriam a idealização de um objecto cultural que, embora apresentado com identidade própria, mantém os constituintes traços originários. Nesse sentido, particularizando o contexto da pandemia, provocada pela Covid-19, nos finais do ano de 2019 surgiam imagens de pessoas a utilizarem, de forma a proteger as vias respiratórias, garrações de água, sacos plásticos, folhas de couves, cebolas, entre outros objectos materiais, como utensílios de substituição da máscara descartável de protecção; exemplo na figura seguinte:

2 Significa isto que no âmbito da moda os conceitos da sustentabilidade e do *upcycling* importam considerar na prática da reciclagem do desperdício do vestuário. Os conceitos vão ao encontro do conceito de bricolage: transformar uma peça inutilizável em algo útil e de acordo com o gosto individual e, ainda, trabalhar com o que se tem em mãos e ser criativo. Esta prática incentiva ao reaproveitamento e não ao desperdício.



Figura 2 - Conceito de máscara de protecção feita a partir de cebola.
Autor: Desconhecido

Foi compreensível, naquele momento, que tais objectos pré-existentes, por força da circunstância pandémica, foram modificados contextualmente. Dessa forma, é notável que existe um reajustamento do sentido original do objecto primeiro, adequando-o a uma nova realidade, dando-lhe um novo sentido – analogia à máscara de protecção.

Em concordância com Lévi-Strauss (2008), Rampazo e Ichikawa (2009) relacionam bricolage aos trabalhos manuais, tendo à disposição diversas ferramentas e elementos com a intenção de formar algo novo. Lévi-Strauss (2008) distinguiu dois tipos de conhecimento científico: o *bricoleur* e o engenheiro; enquanto o *bricoleur* trabalha através de signos, o engenheiro trabalha através de conceitos. Nesse sentido, importa evidenciar que ambos os conhecimentos, tanto o *bricoleur* como o engenheiro, estão fortemente ligados por uma necessidade e valor de uso. Dessa forma, a indústria da moda ao apropriar-se do objecto máscara, como adereço de moda, recria novas significações, porém em prol de um conceito original, tal como acontece no labor do engenheiro; existe, ainda, um género de transtextualidade do objecto máscara original de pandemia que a indústria da moda passa a trabalhar, a transformar para transmitir determinadas significações e ideias. Conforme Lévi-Strauss (2008), a significação opera a favor de uma reorganização da transformação; enquanto o conceito “aparece assim como o operador de uma abertura do conjunto com o qual se trabalha” (Lévi-Strauss, 2008, p. 35). Nesse sentido, Lévi-Strauss (2008) refere que o trabalho do *bricoleur* fica aquém, operando através de signos, e o trabalho do engenheiro consegue ir além, operando através de conceitos; o antropólogo alude para a questão do signo em Saussure, para uma melhor compreensão da questão: o signo resulta da relação entre a imagem e o conceito, o significante e o significado, respectivamente.

A bricolage opera com fragmentos de diferentes criações, realizando transformações criativas através dos materiais disponíveis. “Relacionando a prática da bricolage com a utilização de materiais descartados, sucata, lixo, resíduos da sociedade de consumo” (Loddi & Martins, 2009, p. 3416). A bricolage caracteriza-se pela apropriação e organização de distintos elementos para, posteriormente, formarem um renovado objecto. “Neste contexto, bricolage se refere às noções de invenção, improviso, interdisciplinaridade e transversalidade” (Loddi & Martins, 2009, p. 3416). Nesse sentido, importa salientar que a abordagem decorrente do conceito de bricolage vai ao encontro das possíveis criações artísticas resultantes da apropriação do objecto máscara (figura nº. 3).



Figura 3- Conceito de máscara de protecção.
Autor: Márcio Rodrigues

Nesse sentido, o artigo de Tavares e Caetano (2012) reflecte sobre a concepção de bricolage, referindo que o conceito de sincretismo se tem associado ao fenómeno de “bricolar”. Explicam que se deve ao processo de “diluir” determinadas especificidades dos objectos em favor da criação de uma totalidade de sentido. “‘Bricolar’, portanto, pressupõe não apenas misturar ou acrescentar, como pode se supor à primeira vista” (Tavares & Caetano, 2012, p. 17). Os autores explicam que os novos objectos, consequentes da bricolage, envolvem estruturas orgânicas de traços que se enriquecem mediante a intersecção de outros campos, enquanto perdem algo da sua especificidade em prol de uma renovada significação. “Bricolage, portanto, permite interpretar o objecto de pesquisa por múltiplas perspectivas, conforme as escolhas do pesquisador e o que ele encontrar no campo” (Rampazo & Ichikawa, 2009, p. 4). A operação de bricolage inicia-se, conforme Lévi-Strauss (2008), pela curiosidade e intuição do actante (termo utilizado conforme Algirdas Julien Greimas para determinar o participante activo no fazer bricolage) *bricoleur*, relacionando diferentes signos ou partes constituintes dos mesmos e, também, com o auxílio de diferentes ferramentas que tenha à disposição.

A concepção de sincretismo, referida por Tavares e Caetano (2012), vai ao encontro da teoria de Kincheloe (2004), indicando que a bricolage tem a capacidade de relacionar diferentes áreas de conhecimento. Kincheloe (2004) refere que a bricolage trabalha no sentido de estreitar e de apreender vários domínios do conhecimento. “A profunda interdisciplinaridade da bricolage transgride a fronteira entre os dois domínios (empírico e filosófico), ilustrando o processo da sua interacção e inseparabilidade” (Kincheloe J. L., 2004, p. 15). Nesse sentido, o autor revela que o *bricoleur* procura a transcendência do reducionismo, ou seja, o actante investiga a necessidade existente em um contexto particular; e é precisamente nessa necessidade que o *bricoleur* opera de forma criativa “como poeta” (Kincheloe J. L., 2004, p. 20), originando criações que antes não existiam. Kincheloe (2004) enumera as possíveis capacidades do *bricoleur*: “imaginar coisas que nunca existiram; ver o mundo como ele poderia ser; desenvolver alternativas às condições opressivas existentes; discernir o que falta de forma a promover a vontade de agir; entender que há muito mais no mundo do que aquilo que vemos” (Kincheloe J. L., 2004, p. 20). É nessa óptica que a moda ao apropriar-se do objecto máscara, em contexto de pandemia, pretende actuar: imaginar, adaptar, inventar, recriar, fantasiar (figura nº 4).



Figura 4- Conceito de máscara de protecção.
Autor: Cristina Rodo

O *bricoleur* procura o avanço das restrições tradicionais, desenvolvendo novas perspectivas através da agregação de diversas áreas, contextualizando para proveito próprio ou de outrem. Dessa forma, Kincheloe (2004) acrescenta e define com mais exactidão o conceito de bricolage, revelando um ajuste perante a investigação da complexidade da contemporaneidade.

2. Relação entre Bricolage, Significação e Ressignificação

De acordo com Claro (2020), a teoria da ressignificação tem como objecto de estudo a construção e reconstrução dos significados dos signos em três momentos: pré-sígnico,

sígnico e pós-sígnico. Nesse sentido, Lévi-Strauss (2008) indica que a bricolage assume uma operação a partir de signos pré-existentes. Neste caso, torna-se possível estabelecer uma relação entre a teoria da ressignificação e a bricolage; sendo a bricolage uma operação transformadora de significações pré-estabelecidas. Assim, a máscara revela a sua importância, o valor de proteger as vias respiratórias; note-se a primeira significação da máscara: a protecção. Ainda nesse sentido e de acordo com os ditames de Barthes (2014a) é possível indicar a máscara como um objecto funcional, sendo ele também um signo: o significante é a forma e o significado é o conceito. Ou seja, na conjuntura pandémica, a máscara resulta de um significante que tapa o nariz e a boca, enquanto o significado é o conceito de protecção das vias respiratórias contra a Covid-19.

Barthes (2006b), a partir de Louis Hjelmslev, identificou como “os objectos têm uma substância de expressão cujo ser não está na significação: são muitas vezes, objectos de uso, derivados pela sociedade para fins de significação” (Barthes, 2006b, p. 44). O uso da máscara é, pois, para protecção contra os vírus, mas esse uso é indissociável do próprio signo da pandemia provocada pela Covid-19. Barthes (2006b) propõe a denominação para tais signos semiológicos “– de origem utilitária, funcional – funções-signos” (Barthes, 2006b, p. 44). “A função-signo é testemunha de um duplo movimento que cumpre analisar. Num primeiro tempo (...), a função penetra-se de sentido; tal semantização é fatal: desde que haja sociedade, qualquer uso se converte em signo desse uso” (Barthes, 2006b, p. 44). Santaella e Nöth (2009) vão ao encontro dos ditames de Barthes (2006b) e revelam que os objectos utilitários, “em um inevitável processo de semantização (...) ficam ‘permeados de significados’” (Santaella & Nöth, 2009, p. 24). O objecto máscara, de acordo com os autores (Santaella & Nöth, 2009) (Barthes, 2006b), inserido na sociedade é convertido em signo de si mesmo, assim é visível tal semantização do signo: por um lado o signo sociocultural; e, por outro lado, o signo económico. O uso da máscara de protecção, neste caso específico, não pode ser dissociado dos signos de um contexto de saúde pública. Por outro lado, “sua moldura de referência é o sistema de mercadorias” (Santaella & Nöth, 2009, p. 25); remetendo para os objectos que são produzidos pela sociedade, “objectos [que] são fatalmente execuções de um modelo (...), as substâncias de uma forma significante” (Barthes, 2006b, p. 45). Lévi-Strauss (2008) e Barthes (2006b) reforçam a concepção da semantização dos objectos quando os seus ditames se cruzam, no sentido de explicarem que o objecto ao entrar na sociedade é, inevitavelmente, convertido em signo e associado a signos relacionados a determinados contextos. A operação por bricolage remete para a capacidade do indivíduo (o *bricoleur*) refuncionalizar (de acordo com Barthes [2006b, p. 45]) um determinado objecto, em proveito das suas necessidades. E nesse sentido, Baudrillard (2006) explica que todos os objectos pretendem ser funcionais num mundo que carece de necessidades; indica que a funcionalidade de um objecto se distingue pela capacidade adaptativa a uma ordem ou a um sistema, assim “a funcionalidade é a faculdade de se integrar em um conjunto. Para o objecto é a possibilidade de ultrapassar precisamente sua ‘função’ para uma função

segunda, de se tornar elemento do jogo, de combinação, de cálculo, em um sistema universal de signos” (Baudrillard, 2006, p. 70). Após as várias criações e recriações de inúmeras máscaras é possível apontar que a máscara conquistou um estatuto semântico. “Com efeito, desde que uma função passe a estar a cargo de uma forma de fabrico, ela entra com essa norma na relação de um acontecimento e de uma estrutura, e qualquer estrutura implica um sistema diferencial de formas (de unidades)” (Barthes, 2014a, pp. 318-319). Isto é, a máscara de pandemia tem a sua função primeira de protecção, porém, após ser apropriada pela indústria da moda revela parte de um sistema social de comunicação: a máscara começou a fazer parte da indumentária e a reflectir, não só uma época vivida mundialmente, transmitindo a ideia exacta da sua utilização, como também transferindo determinados sentidos. E tais sentidos são examinados nas máscaras confeccionadas a partir de materiais como o ouro, as pedras preciosas e, também, por determinadas marcas de alta-costura que exibem o estatuto social e financeiro; também, por outro lado, a moda satiriza e fantasia a máscara de protecção através de diversas configurações.

De acordo com as asserções de Barthes (2014a), é possível assinalar que o signo-objecto máscara representa a sua função de protecção e a sua significação. Quer isto dizer que a máscara pode assumir duas versões: a primeira que tem um significado mundano explícito – a sua função primeira é empírica; e a segunda versão é que a máscara assume um significado implícito. Porém, “a função-signo corresponde a um processo de semantização do uso do objecto, ou seja, este é utilizado como objecto e interpretado como signo, cujo sentido lhe advém da forma como é utilizado” (Roque, 2015). A máscara de protecção apresenta as suas funções primeiras (proteger as vias respiratórias contra vírus e bactérias dos utilizadores ou de terceiros) e adquire funções segundas como a paródia, a fantasia, a beleza, o *status* (dependendo da marca de moda que recria as máscaras e da intenção do consumidor/usuário), entre outras. Por exemplo, a recriação da máscara com material transparente para ser visível a zona da boca, auxilia as pessoas com limitações de comunicação/expressão; a máscara mantém a função primeira de protecção contra os vírus e, posteriormente, é possível encontrar uma segunda função: permitir a comunicação entre pessoas com limitações auditivas e comunicativas (figura nº 5).



Figura 5- Máscara de protecção para auxiliar a leitura labial na linguagem gestual.
Autor: Ashley Laurence

Este exemplo relembra tais asserções de Baudrillard (2006): “1º *Superação* do sistema tradicional sob três aspectos: função primária do objecto – impulsos e necessidades primárias– relação simbólica entre um e outro. 2º *Negação* simultânea destes três aspectos solidários do sistema tradicional” (Baudrillard, 2006, p. 70). Nesse sentido, Barthes (1987c) explica como o objecto parte, numa primeira vista, de uma finalidade de uso, a função, mencionando a inexistência de objectos não inúteis para chegar a uma pequena conclusão: tais objectos veiculam sentido. Desta forma, Barthes (1987c) explica que tais objectos são susceptíveis de fazerem parte de um sistema de objectos-signos, quando apresentam determinadas características: formas, cores, materialidade, entre outras. Contudo, Barthes (1987c) apresenta um terceiro tempo, o tempo do retorno que “vai levar o objecto do signo à função” (Barthes, 1987c, p. 179); revelando como a moda tem a capacidade de produzir objectos que não exprimem a sua função primeira, ou seja, a moda é capaz de transformar objectos em signos com “funções utópicas, irreais” (Barthes, 1987c, p. 180). Nesse sentido, torna-se possível lembrar algumas máscaras recriadas pela indústria da moda possíveis de transformar o signo em função irreal, ou seja, de completa displicência de sua função primeira; como é o caso das recriações da *designer* de moda Ýrúrari³, altera a função da máscara, porém conserva o signo que remete a uma situação pandémica (figura nº 6).



Figura 6- Conceito de máscara de protecção.

Autor: Ýr Jóhannsdóttir

“A função faz nascer o signo, mas esse signo é reconvertido no espectáculo de uma função” (Barthes, 1987c, p. 180). Dessa forma, a bricolage opera no sentido de modificador de significação, no caso específico das máscaras, pois, actua no significante do signo, modificando o seu aspecto material. Conforme o conceito de bricolage, expresso anteriormente, a produção de um novo signo decorrente de um signo já pré-existente conduz a um “ressigno”, a uma ressignificação do signo primeiro. A ressignificação, por meio da bricolage, pode ter a capacidade de reforçar, enriquecer,

3 Ver em: <http://www.yrurari.com/masks>.

complementar ou contrariar a significação anterior do signo-objecto máscara –, enquanto adereço de moda, em contexto pandémico.

3. Relação entre Bricolage e Conotação

A moda ao apropriar-se do signo-objecto máscara, em contexto pandémico, opera na dimensão de bricolage e, dessa forma, o signo primeiro sofre alterações de sentido. É nítido que o signo alterado resulta de uma ressignificação, porém, no caso específico da máscara de protecção a bricolage produz um incremento do sentido original de protecção e não uma total alteração ou ocultação do sentido primeiro; a bricolage utiliza-se de fragmentos de outros sistemas de significação, tendo como objectivo inserir o sentido que se pretende, num determinado contexto. Entidades como a indústria da moda (*designers*, fotógrafos, confecções, museus, revistas, redes sociais) e/ou particulares (pessoas desconhecidas) apropriam-se de diversos materiais e transformam-nos em protecção das vias respiratórias. E é nessa óptica que é fundamental perceber quais são os sentidos conotativos que a máscara passa a possuir, a partir do momento que o signo-objecto máscara é apropriado.

Barthes (2014a) revela, assim, a existência de dois sistemas semânticos num só enunciado, possibilitando que o primeiro sistema se torne o elemento de um segundo sistema. Ou seja, a conotação é um sistema de sentido segundo, é uma evolução “por cima” do sistema de sentido primeiro, o denotativo. A conotação é, de acordo com Barthes (2006b), um sistema que tem em si significantes, significados e o processo por significação. Conforme Barthes (2006b) exemplifica a semiótica conotativa a propósito do tom que se lê um texto, aqui e perante a investigação decorrente torna-se possível explicar a conotação produzida nas analogias referentes ao objecto máscara: “a *ideologia* seria (...) a *forma* (...) dos significados de conotação (...) [enquanto a materialidade e o fabrico] seria a forma dos conotadores” (Barthes, 2006b, p. 97). A apropriação e a arbitrariedade do signo-objecto máscara permitem diversificadas analogias, quer por meio da operação por bricolage (diferentes materiais e fabricos), quer por meio da estilização, característica distinta da conotação; abrindo um leque de possibilidades de sentidos – para além da protecção contra o vírus provocado pela Covid-19.

O signo-objecto máscara ao ser apropriado por diferentes entidades torna-se possível referir que passa por três estâncias em particular: 1 – compreender o contexto pandémico e identificar as necessidades individuais e/ou colectivas; 2 – seleccionar e recolher materiais, e escolher o método de fabrico; e, por fim, 3 – o processo de incrementar renovados sentidos, ressignificações, para lá das significações já incorporadas ao signo-objecto máscara originais. Assim, é possível apontar uma relação entre bricolage e conotação, em que ambas se encontram no momento da organização e montagem dos materiais, a fim de resultar um renovado signo-objecto máscara, mas “agora” com um aspecto material diferente, um significante reestruturado e um significado ampliado, uma ressignificação. Ora, neste caso particular – da apropriação da máscara

em contexto pandémico – a bricolage permite a existência e a propagação de uma semiótica conotativa; pois, consente e nutre a reestruturação do significante primeiro, mantendo não só o significado primeiro como, também permite que lhe seja incitado outro sentido ao nível do plano da conotação. Desta maneira, a relação entre bricolage e conotação torna-se visível no campo da semiologia: por um lado, a bricolage opera no sentido de dar respostas rápidas perante uma determinada situação, “consertando” materiais e/ou objectos, dependendo do material disponível e das formas de fabrico; por outro lado, a conotação surge por intervenção da bricolage, ou seja, no plano conotativo é perceptível a releitura a partir de determinadas variantes, os conotadores de sentido. Este fenómeno resulta de a conotação ser um sistema que compreende significantes e significados, gerando o processo de significação ou dupla significação. Também, Hjelmslev (1975) indica que o conotador se encontra sempre nos dois planos da semiótica: no plano da expressão e no plano do conteúdo. Quer isto dizer, que os conotadores são analisados perante as suas funções mútuas, é o caso, em específico, do fenómeno de bricolage que é habilitada a ressignificar. Porém, a indústria da moda explora outros materiais, outras direcções de sentido (*conotadores*), um plano conotativo: a fantasia, o *status*, a elegância, a paródia, entre outros sentidos como a distinção e a imitação de acordo com Simmel (2014) (figura nº 7).



Figura 7- Conceito de máscara de protecção.
Autor: Ýr Jóhannsdóttir

É notável um diferente campo de acção, os sentidos são agora divergentes dos originais e funcionais da máscara de protecção. A reestruturação de sentido é própria da conotação reproduzida, neste caso em específico, pela operação da bricolage, que tende a “retransformar” os signos de origem e a ressignificar os sentidos. É possível

referir que após a moda se apropriar do objecto máscara, por meio da bricolage, mesmo que o significante seja modificado, reforça o seu sentido primeiro e, simultaneamente, o significado é amplificado. Dessa maneira, por meio da apropriação pela moda e pela intervenção da bricolage, o signo-objecto máscara adquire uma ressignificação, levando a que a função-signo adquira por conotação outros sentidos, duplo sentido. A bricolage e a conotação mantêm uma relação de acréscimo na recriação de sentidos, ou seja, ambas se apropriam de um sentido original e o ressignificam. Contudo, a bricolage, relativamente ao contexto pandémico, opera no sentido de adaptar, transcrever signos já pré-existentes; enquanto a conotação opera no sentido da estilização, sugerindo diversas interpretações e associações que até podem ser impensáveis.

4. Relação entre Bricolage e Transtextualidade – Convergente e Divergente

A transtextualidade é caracterizada por Gérard Genette, na sua obra *Palimpsestes*, como transcendência textual do texto; ou seja, a partir do texto original, que Genette (2010) considera o *arquitexto* para designar o texto de origem – cada texto singular. Nesse sentido, a apropriação do signo-objecto máscara tem a capacidade de originar infinitas referências. Pois, o “texto de origem” é, neste caso específico, a máscara de protecção, contudo, a indústria da moda ao recolher tal signo e/ou conceito é capaz de gerar uma transtextualidade extratextual; ou seja, a interpretação torna-se um processo “cujo significado é apreendido na intersecção de um texto e todos os demais textos (...) a ele relacionados” (Garcia, 2006, p. 1517). Perante tais esclarecimentos, torna-se possível considerar a presença da conotação na acção por transtextualidade. Dessa forma, a transtextualidade é um múltiplo conceito de trasladações que, a partir de um primeiro texto, é possível gerar diversas interpretações. Genette (2010) começa por distinguir cinco tipos de relações transtextuais: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a arquitextualidade e a hipertextualidade. Perante isto a relação existente entre os conceitos de bricolage e de transtextualidade distinguem dois fenómenos de sentido através dos objectos: convergente e divergente. Essa dupla concepção é possível de relacionar com duas relações transtextuais, conforme Genette (2010) indica: a hipertextualidade e a metatextualidade. Note-se que a hipertextualidade assinala a necessidade de ter um primeiro texto, denominado de hipotexto e, posteriormente, que esse seja recuperado por um segundo texto, denominado de hipertexto. Por outro lado, a conotação é a transmutação dos sentidos originais. Observa-se que, partindo do signo-objecto máscara primeiro (hipotexto – segurança sanitária) as entidades, já mencionadas, utilizam-se da bricolage a fim de “transcrever” um segundo “texto” (hipertexto). O fenómeno de hipertextualidade conduz a uma convergência de significação original (a protecção), em que a apropriação do “hipotexto”, a função-signo, produz uma adaptação, conduzindo a uma aceleração das suas significações originais (figura nº 8).



Figura 8- Máscara de protecção adaptada – convergência da significação.
Autor: Catarina Almeida

Dessa forma, a apropriação do signo-objecto máscara é numa perspectiva convergente em prol da segurança e da saúde pública. Aqui a bricolage mantém uma relação com a hipertextualidade no sentido em que a moda se apropria do signo-objecto máscara para promover a importância da sua utilização; sentido convergente com os órgãos de saúde pública, nacionais e internacionais. Por outro lado, a moda beneficia da conjuntura pandémica no sentido de ressignificar signos e sentidos e, também, mantém o foco no combate à crise sanitária instalada; sendo a moda um fenómeno social intrínseco à sociedade contemporânea tem a capacidade de acelerar a significação importante para o uso da máscara, na protecção contra a doença.

Por outro lado, a moda ao apropriar-se do signo-objecto máscara também lhe incute outros sentidos, derivando dos sentidos originais, para transformar a máscara de protecção em objecto de paródia, para a ridicularizar, “fetichizar”, imaginar, negar, etc. Dessa forma, observa-se uma apropriação do signo-objecto máscara em regime de metatextualidade; ora, por meio da operação por bricolage, a moda exprime e significa a conjuntura pandémica, e pela conotação reporta significados e ideologias diferentes dos iniciais. A vinculação de moda – enquanto acção estética sobre o corpo e a indumentária – estiliza o signo-objecto máscara de pandemia. Conforme Genette (2010), a metatextualidade é consolidada como existindo a presença efectiva de textos dentro de outros textos. Ora essa concepção conduz ao âmbito do sistema conotativo em Hjelmslev (2008) e Barthes (2006b). A metatextualidade utiliza-se da crítica sem mencionar o “texto” de origem na reprodução de uma renovada ideologia; por outro lado, a conotação acrescenta sentidos em cima dos sentidos originais (figura 9).



Figura 9- Máscara de protecção – sentido ampliado e divergente por conotação.
Autor: Lance Victor Moore.

Neste sentido, mantêm-se algumas características físicas, porém o seu significado é ampliado, os sentidos alteram-se e absorvem outras conotações; assim a moda passa a transferir sentidos divergentes, os quais criam distanciamento do contexto original em que o signo-objecto máscara se insere – da pandemia para a alegoria.

Conclusão

A bricolage é o método que possibilita empregar distintos processos do “fazer” em conciliação com os contextos experienciados e com os materiais disponíveis. Dessa forma, é notável que os elementos/objectos utilizados servem pela sua instrumentalidade prática numa situação de caos de saúde pública. O conceito de bricolage assume, neste contexto específico de pandemia, um papel adjunto no combate à crise sanitária instalada. Sendo notável que o *bricoleur* opera através de signos pré-existentes, enquanto o engenheiro opera através de concepções. A bricolage reúne em si uma panóplia de acções possíveis de recriações, intimamente ligadas umas às outras. Reiterando o que anteriormente foi mencionado, o *bricoleur* dispensa os conceitos científicos, dos quais o engenheiro faz prática, para fazer uso da sua intelectualidade, da sua originalidade e intuição. Assim, o conceito de bricolage funde-se numa agregação de elementos, objectos ou partes de objectos já existentes. Notável como a semantização dos objectos e dos seus usos, dentro da sociedade, são susceptíveis de sofrer transformações, neste caso, pela operação da bricolage. As entidades particulares e institucionais de moda recriam a significação original do signo-objecto máscara, em contexto pandémico, objecto que tem por sentido inicial a insalubridade, o drama, o medo, a opressão. Porém, a moda operando juntamente com o conceito de bricolage, recria uma “perversão” do sentido original, reproduzindo um “ressigno”, com alterações no significante.

Bibliografia

- Barthes, R. (1987). *A Aventura Semiológica*. Edições 70.
- Barthes, R. (2006). *Elementos de Semiologia* (16ª ed.). I. Blikstein, Trad. Editora Cultrix.
- Barthes, R. (2014). *Sistema da Moda*. M. d. Cruz, Trad. Edições 70.
- Baudrillard, J. (2006). *O Sistema dos Objetos* (4ª ed.). Z. R. Tavares, Trad. Perspectiva.
- Claro, V. (23 a 27 de Novembro de 2020). Denotação e Conotação - A Teoria da Ressignificação aplicada aos Tropos de Linguagem. *17º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*.
- Derrida, J. (1995). *A Escritura e a Diferença* (2ª ed.). M. B. Silva, Trad. Editora Perspectiva S.A.
- Eco, U. (1990). *O Signo* (4ª ed.). M. d. Marinho, Trad. Presença.
- Garcia, M. F. (2006). Transtextualidade: a teoria de Gérard Genette ampliada ao estudo da adaptação fílmica. *Semana de Eventos da Faculdade de Letras (SEVFALE VI)*, pp. 1515-1528. Belo Horizonte.
- Genette, G. (2010). *Palimpsestes: a literatura de segunda mão*. C. Braga, E. Vieira, L. Guimarães, M. Coutinho, M. Arruda, & M. Vieira, Trans. Edições Viva Voz.
- Kincheloe, J. L. (2004). Introduction: the power of the bricolage: expanding research methods. Em J. L. Kincheloe, K. S. Berry, & H. Torrance (Ed.), *Rigour and complexity in educational research: Conceptualizing the bricolage* (pp. 1-22). Open University Press.
- Lévi-Strauss, C. (2008). *O Pensamento Selvagem* (8ª ed.). T. Pellegrini, Trad. Editora.
- Loddi, L., & Martins, R. (2009). Bricolagens Metodológicas e Artísticas na Cultura Visual. *18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas* (pp. 3416-3428). Salvador, Bahia.
- Rampazo, A., & Ichikawa, E. (15 a 17 de Novembro de 2009). Bricolage: a Busca pela Compreensão de Novas Perspectivas em Pesquisa Social. *II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*.
- Roque, M. I. (7 de Novembro de 2015). *Design, a outra ciência dos signos*. Obtido em 2021, de A.MUSE.ART: <https://amusearte.hypotheses.org/1075>
- Santaella, L., & Nöth, W. (2009). A Linguagem das Mercadorias. *Revista Signos do Consumo*, 1(1), pp. 21-43. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v1i1p21-43>
- Simmel, G. (2014). *Filosofia da Moda*. A. Morão, Trad. Edições Texto & Grafia Lda.
- Tavares, F. D., & Caetano, K. E. (2012). De La Roja a el rojo: bricolagens e sincretismos em jornais espanhóis. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*.

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades reúne dezasseis estudos que, sobre distintas épocas, analisam a capacidade de reagir, resistir e superar as diversas enfermidades que acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas. Além do contributo para o conhecimento da influência de pestes e epidemias na cultura e na sociedade, os estudos coligidos neste Volume permitem uma reflexão interdisciplinar do entendimento humano acerca das causas e consequências desses surtos. Nos vários domínios das Humanidades, das narrativas às criações mais artísticas, há, de facto, um imenso legado cultural que importa continuar a estudar.

